

A RACIALIZAÇÃO DA LOUCURA: UMA ANÁLISE DO HOSPITAL COLÔNIA E A ÉTICA NA PSICOLOGIA

SAÚDE MENTAL, PARA QUEM? PERSPECTIVAS DE CUIDADO EMOCIONAL, TENSIONAMENTOS DE GÊNERO E ÉTNICO-RACIAL

Débora Raquel Sousa Monteiro Brito Tavares¹

Universidade Regional do Cariri – URCA

raquel.tavares@urca.br

Maria Luiza Gonçalves da Silva²

Universidade Regional do Cariri – URCA

luiza.goncalves@urca.br

Emanuela Nóbrega Lemos Feitosa - URCA³

emanuela.lemos@urca.br

RESUMO: Na presente pesquisa fazemos uma análise acerca do hospital Centro Psiquiátrico de Barbacena, apesar de ter sido fechado no ano de 1980 o rastro de mortes que o mesmo deixou é incalculável, acredita-se que mais de 60 mil pessoas morreram durante o seu período de funcionamento, a forma como tratava seus pacientes era desumana, usando desde choques a lobotomias. Sua inauguração ocorreu pouco depois da abolição dos escravos, desta forma, muitos ex-escravos acabaram por ter sua liberdade sanada ao serem enviados para o Hospital Colônia. No decorrer da pesquisa nos esforçamos em compreender, baseados em pesquisa bibliográfica e no documentário “Holocausto Brasileiro” se os negros aprisionados naquele lugar eram de fato pessoas acometidas por doenças mentais, ou se eram pessoas vítimas da “limpeza social” praticada pelo estado. Buscamos entender o que levava a sociedade a fechar os olhos diante de tanta crueldade, e porque o hospital mantinha-se aberto. Concluímos que muitos dos pacientes, em sua maioria negros, naquela situação de desumanidade foram levados a insanidade, e os que sobreviveram sendo libertos com o fechamento do hospital jamais se livraram das sequelas que os tratamentos lhe causaram. Finalmente assimilamos que esta pesquisa é apenas o início de um estudo mais abrangente na área dos hospitais psiquiátricos, visando que o que vimos acontecer outrora não aconteça novamente.

PALAVRAS-CHAVE: Hospital Colônia. Limpeza social. Racialização.

INTRODUÇÃO

Apesar de já fazerem quase 50 anos do fechamento do hospital Centro Psiquiátrico De Barbacena (Hospital Colônia) é um fato que muitos dos questionamentos que se tem a respeito do mesmo não foram respondidos em sua totalidade, dando a possibilidade de

¹ Graduanda em Direito pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

² Graduanda em Direito pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

³ Professora Pós-graduada em Neuropsicologia pela Unichristus - URCA

diversas pesquisas ainda serem desenvolvidas, sejam elas nas áreas das ciências sociais ou saúde.

Quando o hospital foi inaugurado no ano de 1903, pouco depois da abolição da escravidão no Brasil, os negros que haviam sido libertos não foram amparados com políticas públicas, muito pelo contrário, estes foram buscar abrigo nas ruas, já que não dispunham de apoio do estado. A sociedade da época não viu com bons olhos a possibilidade destes adentrarem o meio social, fazerem parte da comunidade, desta forma criou-se uma política de “limpeza social”, que consistia em eliminar estas pessoas do convívio social.

Com a inauguração do Hospital Colônia, o estado viu a oportunidade de realizar essa “limpeza”, levando para ele os moradores de rua, que em sua maioria eram pessoas negras, recém libertas. Desta forma um questionamento pode ser levantado: “os negros levados para o hospital como pacientes acometidos de doenças psicológicas, estavam realmente doentes ou está era só uma forma de tira-los da rua para que nao “enfeiassem” a cidade?”.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se propôs a investigar através de pesquisa bibliográfica e documental, se os pacientes residentes no hospital estavam lá para de fato serem tratados pelo seu estado de saúde mental, ou se na verdade, o que se almejava alcançar era uma “limpeza social” no Brasil pós libertação.

CENTRO PSIQUIÁTRICO DE BARBACENA - HOSPITAL COLÔNIA

No ano de 1903, no estado de Minas Gerais, foi inaugurado o primeiro hospital psiquiátrico do estado, o Centro Psiquiátrico de Barbacena, este tinha por objetivo tratar pessoas doentes com tuberculose, porém em decorrência de uma possível falência, ele passou a servir de centro de internação para pessoas acometidas de transtornos mentais. Entretanto, o que se podia observar em sua composição, é que mais da metade dos pacientes ali instalados não apresentavam nenhum transtorno mental, na verdade, os perfis que a instituição recebia era variado: pessoas em situação de rua, negros, pobres, alcoolistas, homossexuais, epileticos, prostitutas, militantes, mães solo, em suma individuos com comportamentos indesejados, rejeitados ou considerados diferentes perante a sociedade. (Souza; Medrado, 2021, *apud*

Veras, De Araújo Brandão, Da Silva, 2025). Havia homens, mulheres e até mesmo crianças na instituição, lugar este que chegou a superlotação rapidamente, e durante o ano de 1930 contava com 5 mil pacientes em um local projetado para 200 pessoas.

Além das condições desumanas referente as acomodações, têm-se relatos de maus tratos psicológicos e também físicos, choques e torturas, além de excesso nas medicações, estas eram formas de manter os pacientes “calmos”, não se observa que estes recebiam tratamento adequado, mas entende-se que o objetivo principal do hospital era simplesmente os afastar do convívio social, e de sua humanidade. No livro holocausto brasileiro: Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil (Arbex, 2013) Sônia conta que, durante o período de gestação, passou fezes no próprio corpo, pois suja, nenhum funcionário tinha coragem de “encostar a mão” nela e assim machucar o seu bebê, casos como o de Sônia eram mais comuns do que se imaginava.

Ainda assim o hospital mantinha-se aberto, mesmo frente a tantas atrocidades, porque o lucro que este gerava era alto, ele foi fonte de renda para a classe dominante pois recebia valores monetários por cada indivíduo internado, além de lucrarem também com a venda de partes dos corpos e ossos, que vendiam para universidades.

No período da Ditadura Militar no Brasil, o Hospital Colônia foi fonte de renda para a classe dominante, afinal as instituições recebiam um valor diário de acordo com cada internado, em 1970 cerca de 70 mil leitos estavam ativos, mais de 56 mil do que comparado com o início da ditadura (1964). Para lucrar, entre 1960 e 1980 a instituição havia vendido 1.823 corpos, partes dos corpos e ossos para universidades (Souza; Medrado, 2021 apud Veras, De Araújo Brandão, Da Silva, 2025, p.4).

Somente no ano de 1980, mais de 50 anos depois de sua inauguração, finalmente o hospital foi fechado, deixando um rastro de morte incalculável, acredita-se que aproximadamente 60 mil pessoas foram mortas durante o seu período de funcionamento. Pelo alto número em perdas de vida, o lugar ficou conhecido como Holocausto Brasileiro, visto que esse número superava qualquer comparativo anterior a mortes relacionadas a massacres históricos.

O PAPEL DO NEGRO NA SOCIEDADE

O Brasil como um país de raízes escravistas tem em sua formação cultural e social a visão do negro em uma condição natural e perpétua de subserviência. O período escravocrata tem grande influencia na construção de estereótipos que desenham a imagem do negro e ditam o seu papel social, tendo assim o preconceito racial ou de cor como elemento

estruturante da sociedade brasileira, ou seja, o racismo é determinante na formação da estrutura de classes em sociedades multirraciais. Em prol disso a escritora Lélia Gonzalez discorre:

[...] o racismo - enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas – denota sua eficácia estrutural na medida em que estabelece uma divisão racial do trabalho e é compartilhado por todas as formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas (Gonzalez, 2020 [1979^a]:35).

Pode-se afirmar que o racismo não é apenas uma questão de preconceito individual ou cultural, mas sim um elemento estrutural e funcional das sociedades modernas que acaba por se tornar ainda mais eficiente, pois está incorporado diretamente nas estruturas sociais e reproduz desigualdades de forma sistemática. Historicamente as pessoas negras são empurradas para ocupações subalternas, menos valorizadas e mais precarizadas. Essa divisão não é casual, mas parte do funcionamento do sistema socioeconômico influenciado e dirigido por perspectivas discriminatórias que dita a organização do sistema social. O racismo perpassa até mesmo sociedades ditas democráticas e inclusivas, visto que mesmo em países com leis antirracistas as desigualdades ainda continuam profundas entre os grupos, mostrando que o racismo se adapta e se mantém em diferentes contextos econômicos e políticos.

No Brasil os índices apontam uma disparidade alarmante entre serviços e salários de pessoas negras e pessoas brancas:

As pessoas negras são maioria entre os trabalhadores e trabalhadoras do Brasil, mas, no geral, ganham 61% menos que pessoas brancas empregadas (Cavalcante, 2023).

A raiz dessa desigualdade não é nada superficial, podemos pensá-la desde a sanção da Lei Áurea. Socialmente essa lei é vista como um ato de libertação, mas se analisarmos historicamente, ela nada mais é, que fruto de necessidades do capitalismo. O negro recém liberto não tinha direitos, não tinha trabalho, não tinha nem mesmo como sobreviver, era considerado inferior e somente era útil quando subserviente, acerca disso lemos:

Apesar das variações de acordo com as diferentes regiões do país, a abolição da escravidão não eliminou o problema do negro. A opção pelo trabalhador imigrante, nas áreas regionais mais dinâmicas da economia, e as escassas oportunidades abertas ao ex-escravo, em outras áreas, resultaram em uma profunda desigualdade da população negra. Fruto em parte do preconceito, essa desigualdade acabou por reforçar o próprio preconceito contra o negro. Sobretudo nas regiões de forte imigração, ele foi considerado um ser inferior,

perigoso, vadio e propenso ao crime; mas útil quando subserviente. (Fausto, apud Fant; Da Silva Oliveira; Da Silva, p. 181).

Após a abolição, a população negra passa por um período de marginalização fruto principalmente de uma política eugenista que pretendia branquear a população brasileira. Com a falta de suporte dada a população recém liberta, o destino principal foram as ruas.

Saídos dos trabalhos nas fazendas, sem formação adequada e condições econômicas, vítimas de preconceitos sociais e raciais, acabavam instalando-se nas periferias dos grandes centros, sem trabalho ou qualquer perspectiva de vida. (Fant; Da Silva Oliveira; Da Silva, 2021, p. 180).

Não demorou muito para que até mesmo as ruas lhe fossem negadas, com o intuito de limpar as cidades, a população negra foi recolhida e levada para as margens do país nascendo assim as primeiras comunidades que mais tarde seriam popularmente chamadas de favelas. A partir disso o papel do negro começa a se transformar, antes a visão que se tinha era do negro enquanto objeto, no auge do período escravocrata o papel do negro não assumia a mínima percepção de humanidade, a objetificação era clara e sem freios. Após o período abolicionista essa percepção começa a mudar, e a imagem do negro começa a incomodar socialmente e nesse contexto são iniciadas teses de limpeza social que visavam excluir totalmente as possibilidades de inserção do negro nas relações sociais e de poder do país.

DOENÇA OU RAÇA? A RACIALIZAÇÃO DA LOUCURA NO CENTRO PSIQUIÁTRICO DE BARBACENA

Enquanto a história da medicina celebra o surgimento das clínicas psiquiátricas como um marco civilizatório, faz-se necessário refletir criticamente sobre como a loucura passou a ser racializada pela sociedade no período pós-abolição. A loucura foi utilizada para justificar o racismo, especialmente em contextos como a colonização e a escravidão.

Se tentarmos analisar o contexto social e étnico dos pacientes do hospital psiquiátrico de Barbacena, iremos encontrar diversas dificuldades em relação ao levantamento destes dados, visto que pouco, ou quase nenhuma documentação era arquivada em seus registros, ou sobreviveu através dos anos. Mas ao analisarmos as fotos e arquivos midiáticos conseguimos concluir que em sua maioria, a quantidade de pessoas negras era superior a de pessoas brancas.

Na análise das fotos ainda existentes e no documentário “Holocausto Brasileiro” uma inquietação surgiu, percebemos que não somente a quantidade de negros é superior, bem como as condições de subsistência ali apresentadas são ineficazes para a melhoria dos pacientes. Observamos também que naquelas condições, mesmo pessoas conscientes e sãs poderiam ser levadas a insanidade, dada a precariedade e a como elas eram tratadas, principalmente os tratamentos de choque, que levavam muitos à morte, bem como tendo sua palavra desconsiderada, e suas vidas sequestradas pela instituição.

Em seu livro “Pele negra, Máscaras brancas”, o escritor Frantz Fanon (2020) se debruçou no assunto e mostrou como o racismo e o colonialismo afetavam a saúde mental dos colonizados, acerca disso ele posiciona que “A loucura é a resposta do colonizado à sua própria condição de ser”. Com isso podemos concluir que a loucura pode ser entendida como uma forma de resistência, onde o colonizado se retira da realidade para escapar da opressão, e entrega-se à insanidade mediante sua condição existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa que fizemos durante a produção deste trabalho, pudemos observar que a *priori* houve uma comoção da sociedade frente a inauguração do Hospital Colônia, onde vários familiares poderiam finalmente ser tratados. Ao passar dos anos a verdade se revelou, e podia-se observar que aquele lugar tirava a humanidade das pessoas e as conduzia à morte, não a melhora, ainda assim por mais de 50 anos isto foi aceito, visto que muitas pessoas sentiam-se aliviadas em não ter que cuidar de seus entes em suas residências.

Analisando o contexto do negro, naquele momento difícil, pós abolição, recente libertado das amarras da escravidão, vemos que estes não tiveram nem mesmo o direito de serem donos de sua liberdade, posto que a sociedade os trancafiou para que estes não pudessem ser inseridos no meio social, eles não tinham direitos, não tinham lugar, e se quer eram considerados como cidadãos. Eles não tinham mais identidade, estavam tão perdidos em meio aquelas mudanças que os levavam a aceitação dessa condição por falta de esperança porque se posicionar contra ela, era motivo de, ainda mais, maus tratos.

Concluimos desta forma que o presente trabalho é apenas um pontapé para que novas pesquisas na área dos hospitais psiquiátricos sejam produzidas. Estas pesquisas sobre hospitais psiquiátricos são essenciais para compreender as reais necessidades dos internados e evitar que tragédias como essa se repitam.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. Editora Intrínseca, 2013.

CAVALCANTE, Rebeca. **Pessoas negras são maioria em postos de trabalho informais e ganham 61% menos que pessoas brancas, aponta IBGE**. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/12/06/pessoas-negras-sao-maioria-em-postos-de-trabalho-informais-e-ganham-61-menos-que-pessoas-brancas-aponta-ibge/>. Acesso em: 18 maio 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2020.

FANT, Carla Cristina Saldanha; DA SILVA OLIVEIRA, Marcio; DA SILVA, Rosângela Margarete Scopel. RESSIGNIFICAÇÕES DO PASSADO PELA LITERATURA HÍBRIDA JUVENIL A Assinatura da Lei Áurea “libertação” dos escravos no Brasil-Oficinas Literárias. **EntreLetras**, v. 12, n. 3, p. 172-189, 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

MARTINS, Beatriz Firme; RÍPOLI, Danilo César Siviero. Hospital colônia de barbacena e a supressão dos direitos humanos. **Revista científica do Unisalesiano**, São Paulo, v. 23, n. 12, 1 - 7, 2021.

SANTOS, Antônio Carlos dos. Variações conceituais entre a ética e a moral. **Filosofia Unisinos**, v. 22, n. 2, p. e22207, 2021.

VERAS, Vitória Barbosa; DE ARAÚJO BRANDÃO, Ana Beatriz; DA SILVA, Hertha Monteiro. Análise do filme " Holocausto brasileiro" sob a perspectiva da psicologia social. **Brazilian Journal of Development**, v. 11, n. 2, p. e77607-e77607, 2025.